



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 8

Agroecologia e resiliência  
socioecológica às mudanças  
climáticas e outros estresses



## **Trabalho informal temporário: estratégia de resiliência na Comunidade Quilombola Júlio Borges**

*Temporary informal work: a strategy of resilience in  
the Quilombola Community Júlio Borges*

SILVA, Bernardo Rodrigues da<sup>1</sup>; PASQUALOTTO,  
Nayara<sup>1</sup>; WIZNIEWSKY, José Geraldo<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Santa Maria, rodriguesdasilvabernardo@gmail.com;

<sup>2</sup>nayarapasqualotto@hotmail.com; <sup>3</sup>zecowiz@gmail.com

**Tema gerador:** Agroecologia e resiliência socioecológica  
às mudanças climáticas e outros estresses

### **Resumo**

Como forma de complementar suas rendas e garantir a permanência no rural não são inco-  
muns os casos de agricultores familiares que realizam serviços temporários fora de sua pro-  
priedade por troca monetária. Inserida na Região do Alto do Jacuí, a Comunidade Quilombola  
Júlio Borges está localizada no município de Salto do Jacuí (Rio Grande do Sul). Vários mora-  
dores da Comunidade Quilombola Júlio Borges possuem dentre suas estratégias de reprodu-  
ção social complementar a renda com trabalho informal temporário em lavoura de agricultores  
externos à comunidade. Na busca por revelar como o trabalho informal temporário contribuiu  
para os processos de resiliência no rural, ao imergir na comunidade, percebeu-se que traba-  
lhar fora da comunidade é uma estratégia para permanecer no campo e dar esperanças de  
um futuro melhor para os descendentes da comunidade.

**Palavras-chave:** resiliência no rural; trabalhadores rurais informais; modernização conserva-  
dora.

### **Abstract**

As a way of complementing their incomes and guaranteeing their stay in the countryside, it  
is not uncommon for family farmers to carry out temporary services outside their property by  
monetary exchange. Inserted in the Região do Alto Jacuí, the Quilombola Community Júlio  
Borges is located in the municipality of Salto do Jacuí (Rio Grande do Sul). Several residents  
of the Quilombola Community, Júlio Borges, have among their strategies of social reproduc-  
tion complementary income with temporary informal work in the field of farmers outside the  
community. In the quest to reveal how temporary informal work has contributed to resilience  
processes in the rural, by immersing in the community, it has been realized that working out-  
side the community is a strategy to stay in the field and give hope for a better future for the  
descendants of the community .

**Keywords:** resilience in the rural; informal rural workers; conservative modernization.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 8**

Agroecologia e resiliência  
socioecológica às mudanças  
climáticas e outros estresses



## **Introdução**

O trabalhador rural que não é “dono” dos processos produtivos, por si só, foi desvalorizado e invisibilizado dentro da história da Extensão Rural, através dos projetos de desenvolvimento rural que foram planejados e executados à luz do difusionismo, a partir da segunda metade do século XX, no momento histórico também conhecido como Revolução Verde (MACHADO, 2010).

De acordo com Silva (1998), o trabalhador rural temporário surge como consequência do processo de modernização conservadora, a partir do momento que, em algumas épocas do ano, há altas demandas de mão de obra para executar determinadas atividades e que pequenos agricultores, arrendatários e posseiros buscam no emprego temporário uma alternativa para complementar a renda de suas propriedades.

Em trabalho realizado na região do Alto do Jacuí, Rio Grande do Sul, percebe-se que é comum que famílias, que possuam propriedades com pequenas áreas, complementem suas rendas trabalhando em outras propriedades. Nesses casos a pluriatividade se mostrou importante para conseguir viabilizar economicamente a famílias nas suas respectivas propriedades (PAIXÃO, 2014).

Inserida na região do Alto do Jacuí, a Comunidade Quilombola Júlio Borges, situada no município de Salto do Jacuí, possui em sua trajetória histórica as características dos trabalhadores rurais que vendem sua mão de obra na busca de se reproduzir socialmente. Esta estratégia de trabalhar fora de suas propriedades para complementar a renda e permanecer na propriedade, não aderindo ao movimento de êxodo rural que o processo de modernização causou na agricultura, pode aproximar estas famílias de agricultores ao conceito de resiliência.

Este trabalho, ao abordar uma dimensão da vida de alguns moradores da Comunidade Quilombola Júlio Borges, busca revelar como o trabalho informal temporário contribui para os processos de resiliência no rural.

## **O Contexto**

Desenvolvido durante a disciplina de Extensão Rural Aplicada, este trabalho faz parte de um esforço coletivo para compreender a história de vida e as diversas estratégias de inclusão produtiva presentes na Comunidade Quilombola Júlio Borges. Sendo que, através de um Diagnóstico Rural Participativo, a turma conseguiu dividir-se em seis eixos, sendo eles, [1] agricultura comercial – soja, [2] agricultura de subsistência, [3] trabalho nas pedreiras, [4] trabalho assalariado informal em lavouras externas, [5]



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 8

Agroecologia e resiliência  
socioecológica às mudanças  
climáticas e outros estresses



agroindústria e [6] artesanato. Cada eixo virou parte de um trabalho maior, que buscou revelar a “Vida na Comunidade”, sendo que destes, um sétimo trabalho relacionado à [7] juventude quilombola acabou emergindo.

Durante os dias que estávamos convivendo na comunidade, sempre que possível dávamos o retorno de nosso trabalho. Para compartilhar o relato do eixo 4 à comunidade, construiu-se um poema que serviu como ponto de partida para a análise deste trabalho. No poema construímos uma síntese daquilo que é vivido pelos moradores que realizam trabalhos temporários, informalmente, em lavouras externas à comunidade. O poema pode ser encontrado ao final deste trabalho no QUADRO 1.

### Conversas com Maria

Ao chegar na casa de Maria, o objetivo estava em conversar com seu pai. O pai de Maria é a pessoa que possui o contato com os que oferecem trabalho, nas lavouras da redondeza, à comunidade. Geralmente a natureza destes trabalhos se refere às práticas agrícolas sazonais, o que significa que, os mesmos trabalhadores, que trabalham informalmente em lavouras de terceiros, trabalham, em atividades internas. Uma vez que, nem o pai, nem a mãe de Maria estavam em casa, ao ser perguntada se poderia nos esclarecer sobre as atividades que seu pai desempenhava, Maria prontamente nos recebeu e se tornou disponível.

Maria nos explicou que sempre que os agricultores da região precisam de mão de obra para as atividades agrícolas, eles entram em contato com seu pai. Desta forma, os empregadores pedem um determinado número de trabalhadores por determinado período de tempo, geralmente o tempo necessário para realizar tal prática. O pai de Maria torna-se então, responsável dentro da comunidade de contratar os moradores da comunidade que estejam interessados em realizar tal trabalho. O pagamento é realizado ao final de cada dia de trabalho.

*[O verão quebra a cabeça./Principalmente no fumo,/Tem que se cuidar da umidade, pois o veneno vem com ela.]*

Ao nos contar que já foi trabalhar em tais serviços, ouvimos o quanto o trabalho é árduo e sem garantias de saúde. Em um momento da entrevista, ela relatou sobre o perigo de se intoxicar com a planta de fumo no momento da colheita. Neste momento percebemos o que alguns estudos nos dizem a respeito do contato da pele com a folha de fumo, que expõe o corpo a uma elevada concentração de nicotina, o que pode acarretar em doenças por exposição ocupacional (BECK, 2016), isto, sem ponderar às exposições aos agrotóxicos.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 8

Agroecologia e resiliência  
socioecológica às mudanças  
climáticas e outros estresses



*[Eu prefiro colher fumo ao feijão./ Colher feijão faz dor no corpo todo, e isso que eu tenho 17/ Ao fumo se acostuma/ Primeiro vem as tonturas, os vômitos, as doenças./ Depois já tá dentro]*

Ao comentar, sobre os tipos de trabalhos que já participou, a jovem quilombola relata de algumas dificuldades que enfrentou, como o elevado grau de cansaço ao final do dia de trabalho. Nas atividades de colheita de fumo é comum passar horas agachado para arrancar as vagens da planta, o que faz com que o todo o corpo doa, após a rotina de trabalho. Segundo ela, torna-se quase impossível colher feijão por dois dias seguidos, devido às dores no corpo inteiro. Em relação à colheita do fumo ela comenta que nas primeiras vezes que foi colher, era comum o surgimento de tonturas e vômitos no meio da lavoura, porém ela mesmo disse que, no decorrer do tempo e a medida que vai trabalhar mais vezes, o corpo acostuma com o “veneno” e já não sente tanto. Apesar disso, Maria, nos relata em um tom esclarecido que no futuro surgirão doenças em seu corpo, em decorrência do fumo.

*[Num dia desses de trabalho/ Minha prima cortou um dedo do pé com a faca do produtor/ Sangue muito sangue!/ O fumo não tem que entrar pela pele/ O dono foi com ela para o hospital se encarregou de tudo.]*

As condições de estresse e adversidades durante a vida podem acarretar em consequências que podem ser positivas ou negativas. As consequências quando positivas podem ser relacionadas aos processos de resiliência (PEREIRA, 2001).

*[Eu tenho 17 anos e quero estudar/ Agronomia é a possibilidade/ Vestibular, já vai dar/ Minha prima passou para Medicina/ E vai voltar para atender na comunidade/ Eu também gostaria.]*

O conceito de resiliência, do ponto de vista da psicologia e da sociologia, trata-se de uma capacidade de as pessoas, individualmente ou em grupo, resistirem a situações adversas sem perderem o seu equilíbrio inicial, isto é, a capacidade de se acomodar e de se reequilibrarem constantemente (TAVARES, 2001). Este conceito se expressa na voz de Maria, onde mesmo tendo todas as adversidades nutre a esperança de passar no vestibular, estudar e voltar para a comunidade. Esta motivação de querer melhorar o lugar onde vive, e tomar de base exemplos positivos, como o de sua prima que estuda medicina, faz parte do processo de resiliência que mantém a comunidade forte. Este sentimento de pertencimento e apego faz da jovem quilombola um dos tantos casos de resiliência encontrados na comunidade durante os dias em que estivemos no campo. A vontade de melhorar as condições de vida para poder permanecer e ali viver com dignidade.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 8**

Agroecologia e resiliência  
socioecológica às mudanças  
climáticas e outros estresses



*[E nas terras novas? O que você acha que tem que fazer com elas?]/ Nessa terra, fazer união!/[...]/ E fazer grande o que a gente já sabe/ Plantar mandioca, feijão e amendoim/ Quem sabe, vender para fora]*

Neste momento da conversa, ficou perceptível que o trabalho representava para as famílias da comunidade quilombola bem mais do que um meio de ganhar um montante de dinheiro imediato, representava um meio de se manter na comunidade, não abrir mão de permanecer ali e melhorar um pouco a qualidade de vida. O trabalho “para os outros” não é uma realidade recente dentro da comunidade, sendo que dentro de sua história, ela foi atraída para aquele local devido à possibilidade de trabalho na extração de pedra ágata. Faz parte de sua de sua história no local a estratégia de trabalhar “para o outro” para sobreviver.

Segundo Yunes e Szymanski (2001), focar a resiliência com a análise de pessoas, individualmente, pode dificultar o desenvolvimento de ações sociais e construção de políticas públicas, uma vez que podemos cair na falha de reclassificar pessoas resilientes de pessoas não-resilientes, torna-se preciso focar no coletivo no sentido de buscar diminuir as desigualdades sociais que consistem em desigualdades de oportunidades de desenvolvimento humano.

### **Considerações Finais**

A resiliência na Comunidade Quilombola Júlio Borges está expressa através de relatos como “um dia eu ainda vou para a universidade”, ou ainda, “acho que aqui será um bom lugar para criar meus netos”. O trabalho informal em lavouras de terceiros, desta forma, representa uma estratégia para permanecer na comunidade até o momento em que não seja mais necessário trabalhar “para os outros” e em que seja possível trabalhar “para si”.

### **Agradecimentos**

À Comunidade Quilombola Júlio Borges, à professora Vivien Diesel, ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria, aos técnicos do NEDET Centro Serra e da Emater-RS/Ascar, e, demais colegas da turma de Extensão Rural Avançada, pelas contribuições e discussões, que possibilitaram a construção deste trabalho.



## Referências bibliográficas

BECK, P.C.L. **A produção de tabaco e as doenças que afetam os agricultores pela exposição ocupacional.** 2013. 44 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Técno-  
logo em Planejamento e Gestão Para o Desenvolvimento Rural à Distância) – Universi-  
dade Federal do Rio Grande do Sul, Cachoeira do Sul, RS, 2013.

MACHADO, V. Questão agrária, conflitos sociais no campo e extensão rural: uma aná-  
lise da realidade contemporânea. **Tékhnē e Lógos.** Botucatu, SP, v.1, n.3, jun, 2010.

PAIXÃO, M.E. Reprodução da agricultura familiar do Alto Jacuí/RS, frente ao modelo de  
desenvolvimento agrícola regional. 2014. 112 p. Dissertação (Mestrado Profissional em  
Desenvolvimento Rural) – Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta, RS, 2014.

PEREIRA, A.M.S. Resiliência, personalidade, stress e estratégias de coping. In: TAVA-  
RES, J. (org.) **Resiliência e Educação.** São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, J.G. **A nova dinâmica da agricultura brasileira.** 2. ed. Campinas: Ed. da UNI-  
CAMP, 1998.

TAVARES, J. A Resiliência na Sociedade Emergente. In: TAVARES, J. (org.) **Resiliên-  
cia e Educação.** São Paulo: Cortez, 2001.

YUNES, M.A.M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: noção, conceitos afins e Considerações  
críticas. In: TAVARES, J. (Org) **Resiliência e Educação.** São Paulo: Cortez, 2001.

**Quadro 1** – Poema de Jimena Sol Ancin e Bernardo Rodrigues da  
Silva, inspirado pelo relato da jovem quilombola Maria – nome fictício -  
moradora da Comunidade Quilombola Júlio Borges. IMAGEM RUIM

